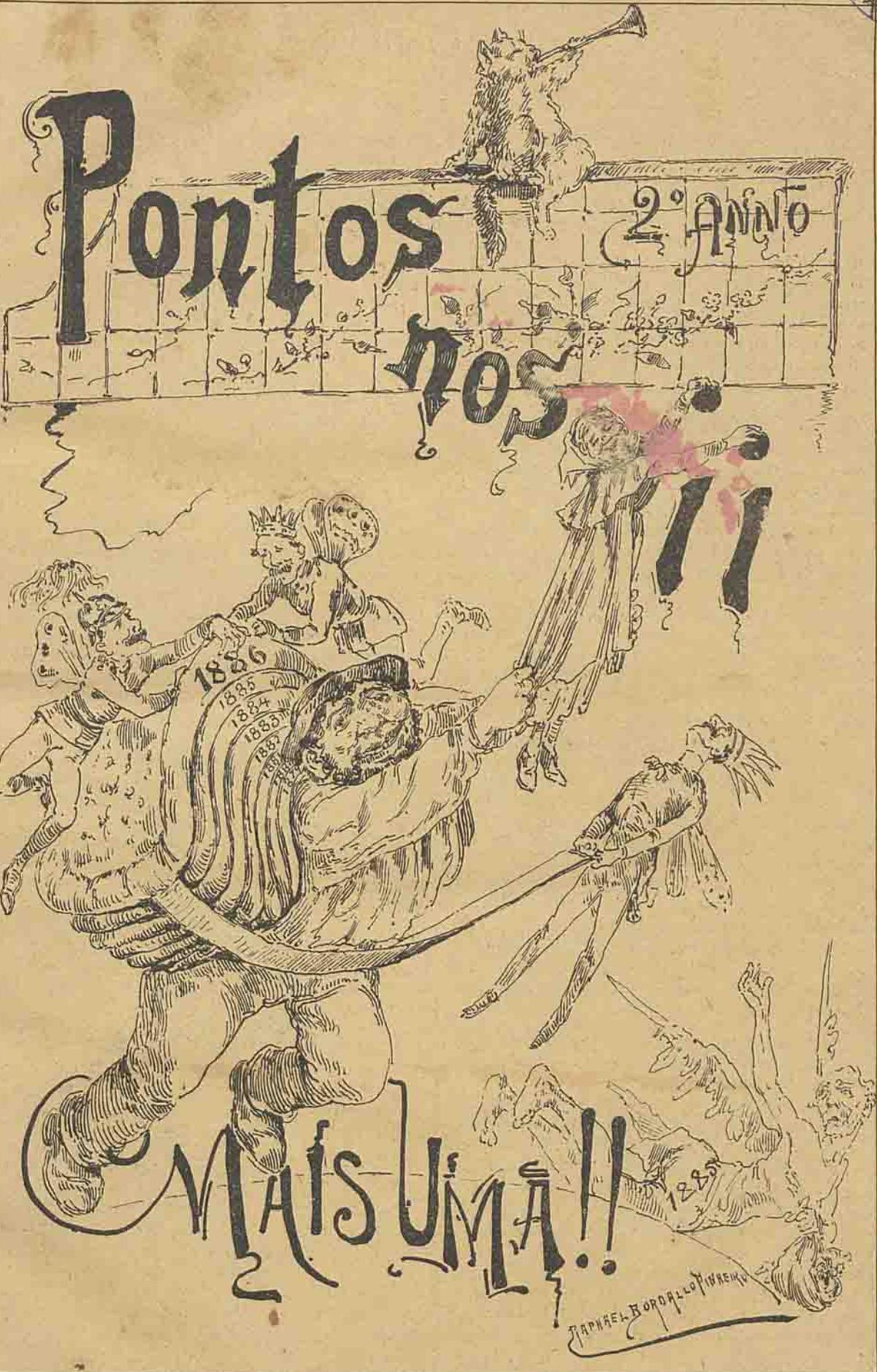




M



R. 16

CHRONICA

Ao leitor, necessariamente, succedeu-lhe o mesmo que nos tem acontecido a nós.

De meia em meia hora, truz truz com a argola da porta ou tlin tlin com o badalo da campainha, e logo em seguida um bilhete de boas festas pela casa dentro.

Cavalheiros com quem nunca tivemos o gosto de trocar uma unica palavra, o mais ceremonioso cumprimento, sequer, levam n'esta época do anno a sua amabilidade e o seu interesse para connosco ao ponto se incomodarem a vir pessoalmente deixar-nos um de cartão de visitadando-nos as boas festas em letra redonda, com a intimidade com que o sr. Marianno dá, no mesmo typo, as descomposturas ao sr. Fontes...

O carteiro, o guarda nocturno, o recebedor do monte-pio, o distribuidor das gazetas, todos, enfim, n'um numero muito superior ao dos bravos do Min-dello, na sua primitiva, vem obsequiar-nos com provas de estima que só poderão ser pagas com uma gratidão eterna—ou com uma moeda de dois tostões.

Nós optamos pelo primeiro genero de pagamento, que é tambem de ha muito o adoptado pelas camaras municipaes com respeito aos professores de instrucção primaria...

Quando soar a trombeta no valle de Josaphat, soarão sobre a musa os nossos dois tostões—em papel moeda de gratidão.

Apesar, comtudo, d'esta resolução, por um triz que não quebrámos o voto hontem a noite, para darmos alguma coisa ao bengaleiro d'um dos nossos theatros. O homem insistiu tanto connosco, que, se aperta um bocadinho mais, davamos-lhe a coisa mais apropriada que se pode dar a um bengaleiro:—uma bengalada...

Aos barbeiros tambem não demos nada, e com esses fomos injustos, porque elles sempre nos dão, alem das boas festas por musica, varios lenhos nas bochechas.

Em compensação não se passa um dia durante este tempo de festas em que não dispendamos, tres vezes pelo menos, os nossos tres vintens!

A' sahida de casa fazemos o bigode no Vasques da rua do Loreto; depois as suissas no Lisbonense do largo do dito; e, finalmente, a pera no Reis da rua Nova da Trindade.

E a nossa pena é que não seja moda rapar o resto, porque eramos até capazes de fazer a barba aos pellos da gola do casaco!

Com este processo das trez barbas por dia temos ouvido mais operas desde o dia de Natal de que o nosso amigo José Carlos desde que se abriu o theatro lyricol

Cada tres vintens que nos saem da algibeira, cada meia duzia de operas que nos entram pelas orelhas!

O barbeiro a despejar-nos o bolso de cobre e a caixa de musica a encher-nos de notas os ouvidos!

Já vêem que é um negociarrão! O vicio do *dilettantismo*, n'estas circumstancias, sae muito mais economico de que o vicio do fumo, porque o repertorio todo de Meyerbeer custa ainda mais barato de que um maço de cigarros de Santa Justa!

Se os *dilettanti* de S. Carlos chegam a descobrir esta mina das caixas de musica, veremos os barbeiros de Lisboa cheinhos até á porta, ao passo que o *Barbeiro de Sevilha* não terá... nem *alma viva!*...



E' tudo por ahi a pedir as bróas; não ha ninguem que não peça, como n'aquella cantiga que as meninas do nosso tempo espremiam pelas casas particulares:

«O pobre pede a riqueza,
O rico pede uma esp'rança,
Pede o proscripto uma patria
O nauta pede a bonança.»

Um peditorio de tal ordem que nem parecia historia em verso: parecia a arcada do Terreiro do Paço em vespera de eleições.

E afinal de contas ninguem dá nem a ponta de uma bróa de milho!

Ninguem, excepto os namorados, porque isso então é dos livros.

Se é certo que nas occasioes se conhecem os amigos, não é menos certo que nas boas festas se conhecem os amantes.

Felizes das Julietas e das Virginias, que teem a estas horas um casal de perús na varanda da cosinha—se o Paulo é velho—ou um raminho de violetas na misula da sala—se o Romeu é moço.—

Porque a verdade é esta: os Paulos velhos não teem inspirações grandiosas na caixa do miolo mas teem contos de reis a juro na Caixa dos Depositos:—d'ahi o perú... Os Romeus moços montam de garupa com Apolo o fogaoso cavallo do Hypocrene, mas não podem fazer outro tanto com o sr. Chamiço, sobre a *burra* do Banco Ultramarino:—d'ahi as violetas...



—Que demonio! pensam elles; se me faltam os patacos para mandar a Violante um casal de tristes perús, so'ja-me inspiração e tinta indestructivel para lhe escrever uns versos ainda muito mais tristes!... Nem só o corpo se alimenta, apreciando os bons bocados: a alma tambem se nutre, saboreando ás-vezes o seu petisco!

Isto considerado, manda-se-lhe um açafate de violetas e estes versos:

Violante: com que pezar
 Nas joias que o mundo encerra
 Eu tenho estado a pensar!
 —Que brilhantes guarda a terra!
 —Que per'las esconde o mar!

E eu não tenho—vê que nojo!—
 Nem uma perola, um brilhante,
 Que encerrasse um aureo estojo
 E fosse offertar, de rojo,
 Junto aos pés da minha amante!

Que me sobrasse a riqueza
 Como me sobram desejos...
 Não viria eu com certeza
 Dar-te apenas—que tristeza!—
 Violetas, versos... e beijos...

A Violante molha o açafate de Romeu com as suas lagrimas de jubilo, as violetas com os seus beijos soffregos, os versos com a lentura perfumada do um collo alabastrino, e, depois de ter molhado tudo isto, manda molhar a sopa com o caldo do Perú... que lhe enviára Paulo...

Os poetas que aproveitam a ideia para uma novella que poderão intitular:

LIBRAS E VIOLETAS
 ou
 O TRIUNPHO DE O PERU



Abriram-se as camaras.

A unica novidade offerecida pela sessão da abertura foi o capacete do sr. Fontes.

Desde que o espelho lhe disse que com aquella elegante tampa ficava ainda mais moço e ainda mais Bismark, s. ex.^a nunca mais tirou o capacete, senão nos momentos solemnes da engraxadella capillar!

No trato intimo já abdicou das suas prerogativas de rei, mandando para a arrecadação a corôa de bicos bordada a sutage com que trabalhava no seu gabinete; e agora vemol-o abdicar em publico das suas regalias de presidente do conselho, visto como se apresenta sempre na qualidade de ministro da guerra, só para não perder occasião de pôr a tampa na cabeça...



S. ex.^a faz tudo de capacete: come, bebe, fuma, palestra, esproguica-se... tudo, em summa!

Até dorme com elle, havendo quem affirme que n'essa occasião o sr. Fontes leva o luxo a ponto de não se contentar com menos de dois capacetes!

Mas, voltando á sessão.

Discurso da corôa o mesmo do anno passado, lido de pernas para o ar. Uma afinidade como a que existe entre o equilibrista Treuter, que está fazendo as delicias dos frequentadores do Colyseu, e o seu collega Canadas, que fez em tempo as delicias dos frequentadores do Price: este trabalhava com os pés, aquelle trabalha com a cabeça...

De resto um discurso muito sensato e que está resumando a pujança litteraria do sr. Fontes. Não falla em *madureza* mas toda a gente lhe poz o dedo.

Em substituição da *madureza* falla em «ambas as partes» e em «coisas pendentes»; isto inspira-nos a suspeita de que o nobre governador civil de Braga collaborasse occultamente com o sr. Fontes n'este trabalho, o que parece ter succedido já mais d'uma vez, attento o nó cego de affeições que os liga publicamente...

Basta esta suspeita para que não tenhamos coragem de analysar o discurso.

Coisas d'aquellas só se devem analysar no laboratorio chymico, e, ainda assim, com o maior numero de precauções...

No caso do sr. commissario de policia, enfrascavamos o discurso, muito bem rolhado, mandando-o archivar no governo civil, como se fez á vaccina d'aquelle pretendido discipulo de Ferran, que andava ameaçando os povos com microbios da sua composição...

Mendonça e Costa a proposito do discurso da coroa:

—O que diz el-rei quando vê o Fontes com a cabeça tão pelluda?

—?...

—Diz: qu'urso!...



Falta-nos o espaço para fallarmos hoje de theatros, o que aliás não era urgente, visto nós acabarmos de referir á primeira sessão parlamentar.

Não deixamos comtudo de citar o *Rigoletto*, exclusivamente para o effeito de aconselharmos o dito *Rigoletto* a que se apresente com as pernas que Deus Nosso Senhor lhe deu, boas ou más, pouco importa, por nos parecer que o papel de *Rigoletto* não obriga uma pessoa a trazer as pernas cheias de feitios, como qualquer mendigo de romaria.



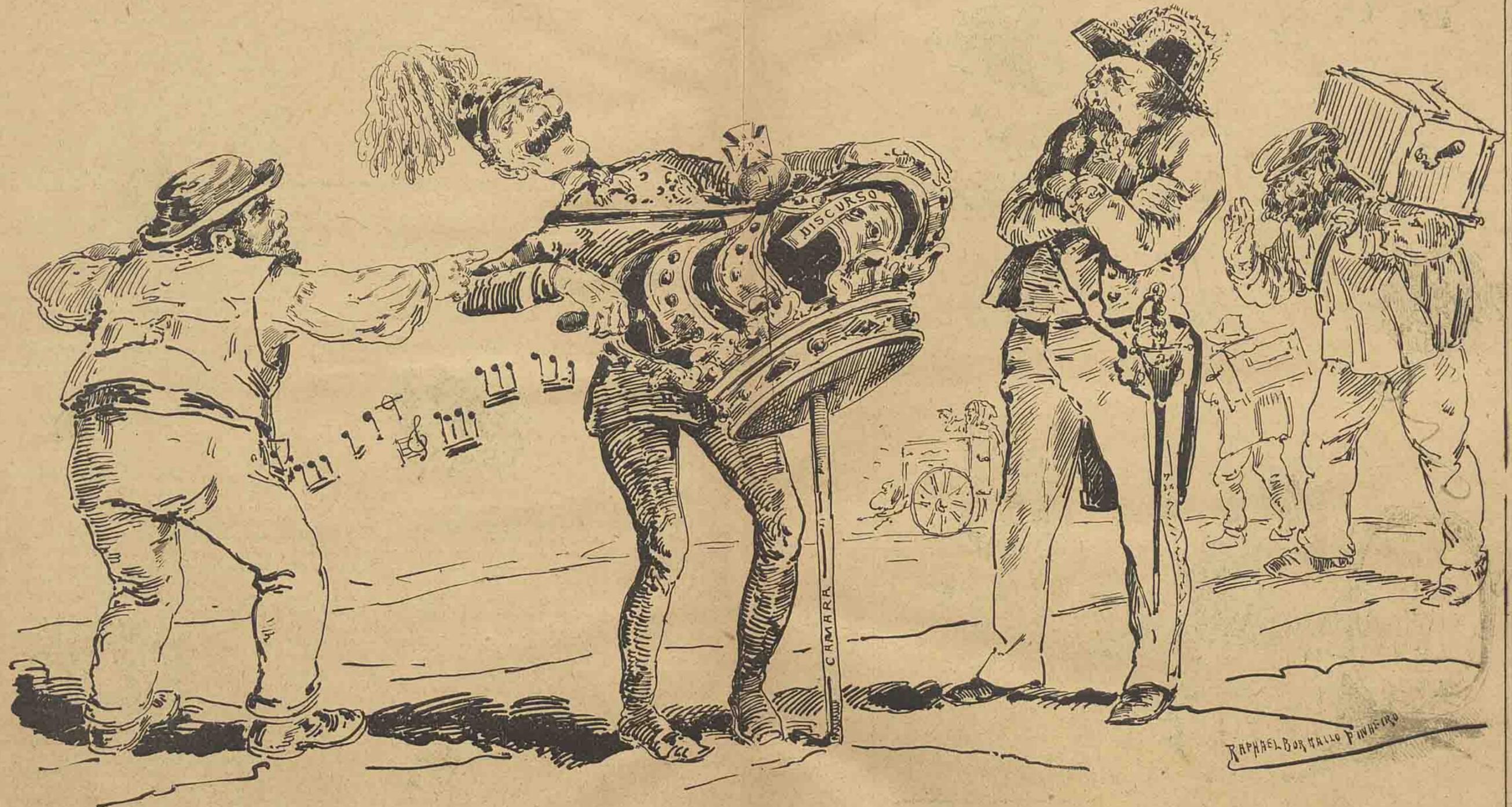
Para se ser *Rigoletto ás direitas* basta arranjar uma corcunda com a almofada da cama; não é preciso trazer batatas nas barrigas das pernas...

Perna de carneiro assada com batatas, vá, que é um prato muito substancial.

Agora, perna de barytono, é que não quer acompanhamento de batatas;—quer mas é acompanhamento de orchestra...

PAN-TARANTULA.

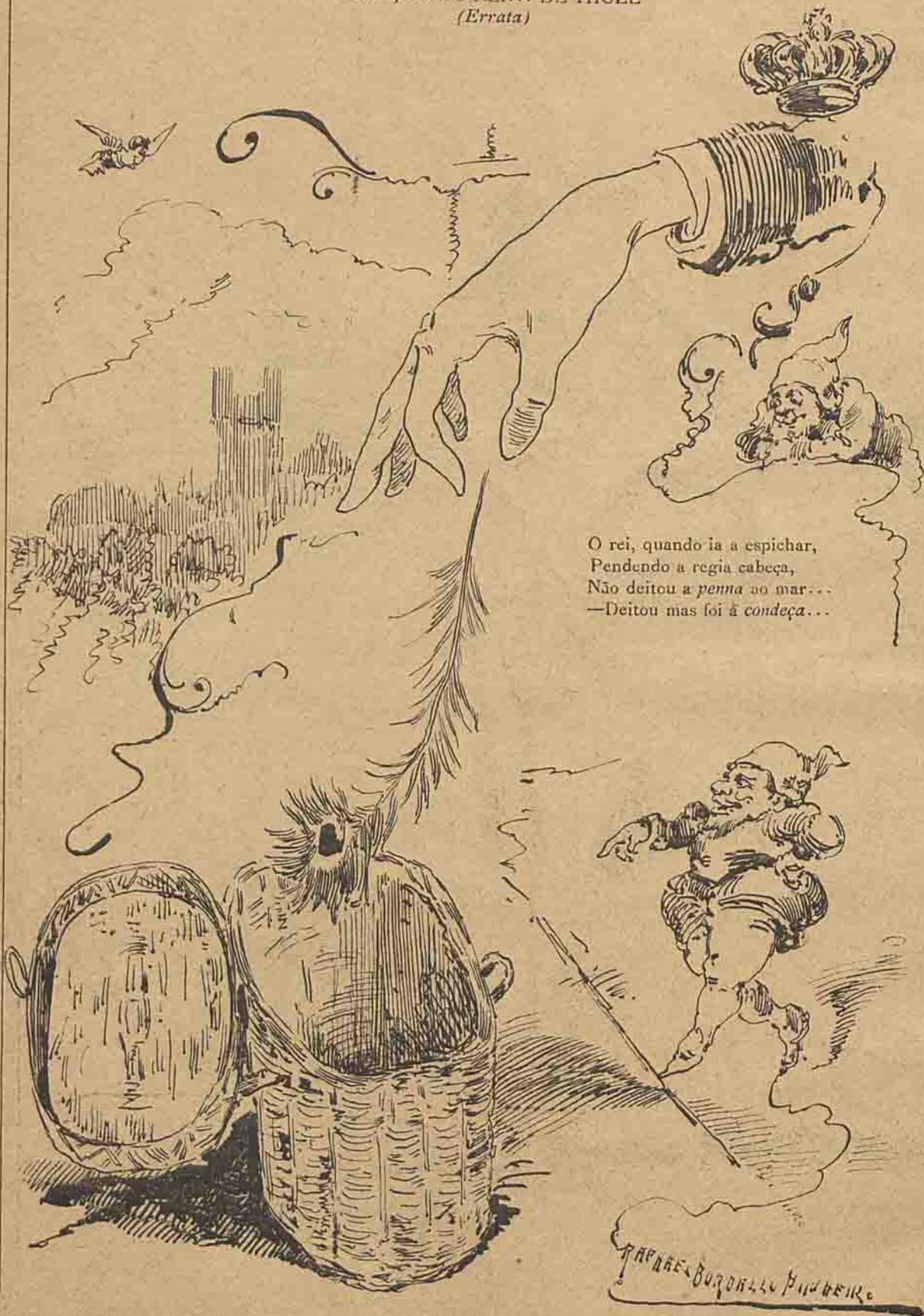
SEMPRE A MESMA MUSICA...



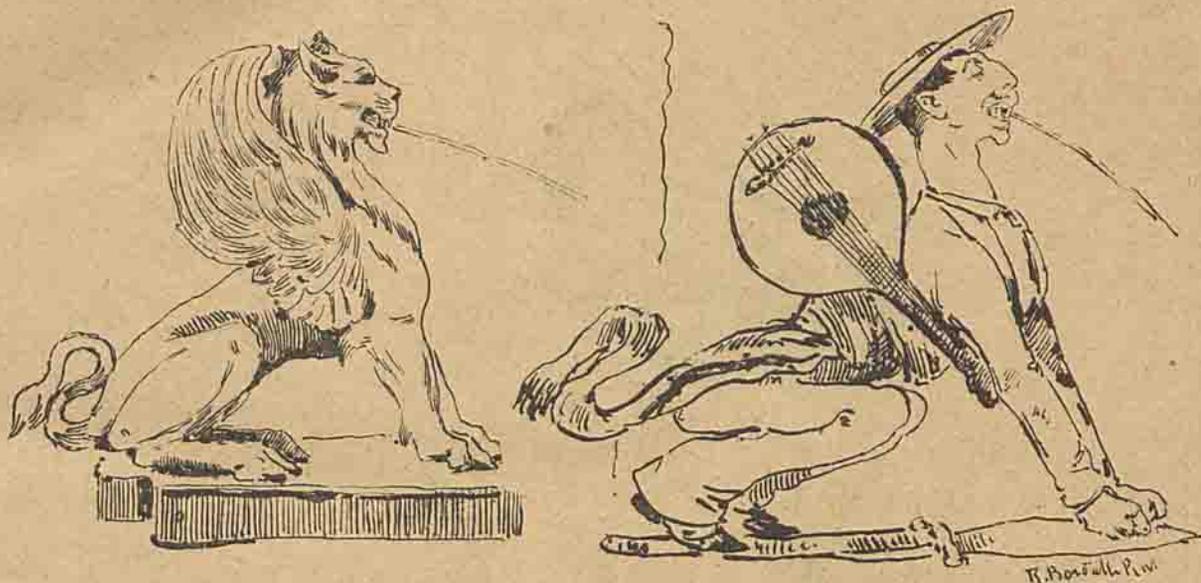
— São notas de musica que eu heide pagar a notas de banco.

— Em vista da cõlidade do realejo, não tenho remedio senão crusar os braços...

CANÇÃO DO REI... DE THULE
(Errata)



ASPECTO DOS DRAGÕES QUE ESTÃO NO LAGO DA AVENIDA



Para cuspir por entre os dentes era melhor terem posto dois fadistas, o que tinha, sobre todas, a vantagem de ser muito nacional.

MAIS DE QUE TODOS



A beata, a bailarina,
O emproado, o cabisbaixo,
O barbeiro aqui da esquina
E o padreiro ali de baixo,

O caixeiro da botica,
O misantropo, o caturra,
A mulher da fava-rica,
O homem de leite de burra,

O prior da freguezia,
O proletario, o magnata,
O c'ronel de artilheria
E o major de bata e lata,

O fabricante d'amendoas,
O alto clero, a soldadesca,
O mercador de fazendas
E o vendedor d'agua fresca,



A dama séria, a cocotte,
O rei, o manga de alpaca,
E o homem que n'um caixote
Vende faceira de vacca,

Todos enfim, julgo e creio,
Receberam já ufanos,
P'lo gallego ou p'lo correio,
As boas entradas d'annos.

Pois de tantas gentes ditas
Ninguém teve — o caso salta... —
Mais entradas sobreditas
Que o marquez Bailio de Malta!

Em tal faina vê-se grego,
Pois que muita e muita pilha
Sem transporte de gallego
Nem dispendio de estampilha...

PAN-TARANTULA.

THEATRO DE S. CARLOS

MASINI NO «RIGOLETO»



*E' sempre miserico
 Ch'a lei se affida
 Lhi in lei confida
 Mas cauto q' il cor*

*La donna e' mobile
 Qual piuma al vento
 Muta d'accento
 E di pensier*

E di pensier

E di pensier

M...

RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

Alevantado, bello, celebre, distincto, eminente, formidavel, grande, heroico, insigne, jubilado, (em k não ha cá) laureado, magestoso, notavel, optimo, pyramidal, qualificado, raro, sublime, talentoso, unico, vigoroso... e sentimos não haver adjectivos em x, y e z porque, ainda que os houvesse, nos pareceriam poucos!